

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *A Crítica*

Class.: 362

Data: 13.01.90

Pg.: _____

4968 Agora os garimpeiros estão invadindo a reserva Atroari



Arquivo

Com o início da retirada dos garimpeiros das terras indígenas dos Yanomami, em Roraima, inúmeros garimpeiros estão se deslocando para as reservas dos índios Waimiri-Atroari, no norte do Amazonas. A denúncia é do sertanista Estevam da Silva, chefe do posto avançado da Funai no rio Branco. Outro problema relacionado com a nação indígena foi definido, ontem, pela juíza da 4ª. Vara da Justiça Federal, Selene Maria de Almeida, que determinou a interdição de uma longa estrada na reserva Waimiri-Atroari, utilizada pela Timbó Indústria de Mineração para escoar minérios até a BR-174. A estrada foi construída pela Timbó e corta a reserva indígena (Páginas 3 e 7).

A cada dia que passa, o problema dos garimpeiros se configura mais difícil de uma solução que atenda às partes interessadas

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *A Crítica*

Class.: 362

Data: 13.01.90

Pg.: _____

SERTANISTA DENUNCIA

Garimpeiros de Roraima invadem a área Atroari

Com a retirada de todos que invadiram as reservas indígenas Yanomami, em Roraima, os garimpeiros daquela área já começaram a se deslocar para reservas como dos índios Waimiri/Atroari, ao norte do Amazonas, ao longo do rio Leite, afluente do rio Trairi, que passa pela reserva indígena.

De acordo com Estevam da Silva, sertanista e chefe do posto da Funai no rio Branquinho, foram vistos vestígios de garimpeiros, a cerca de 500 metros da reserva Waimiri-Atroari,

que é muito rica, segundo o sertanista, apesar da reserva dos índios ser uma das mais bem vigilantes, possui 9 postos da Funai, a área é muito extensa. Só para se ter uma idéia, do posto da Funai até o local que foi presenciado o surgimento dos garimpos, leva-se cerca de 10 horas de viagens.

Os Waimiri-Atroari já foram uma grande comunidade indígena e hoje, eles representam um grupo reduzido de mais ou menos 500 índios, que sofrem com a poluição dos rios com

ação das mineradoras, principalmente do rio Alalaú. Tanto que o Ministério Público entrou essa semana com uma ação na Justiça Federal em Brasília, solicitando a interdição da estrada construída pelo Tombó — Indústria de Mineração Ltda (ligada à Estal Paranapanema), que atravessa a reserva indígena Waimiri-Atroari, ao norte de Manaus. A ação também pede que seja comunicada a empresa a "nulidade" de contrato de exploração mineral na reserva indígena, por irregularidades.

Guiana oferece trabalho a garimpeiros

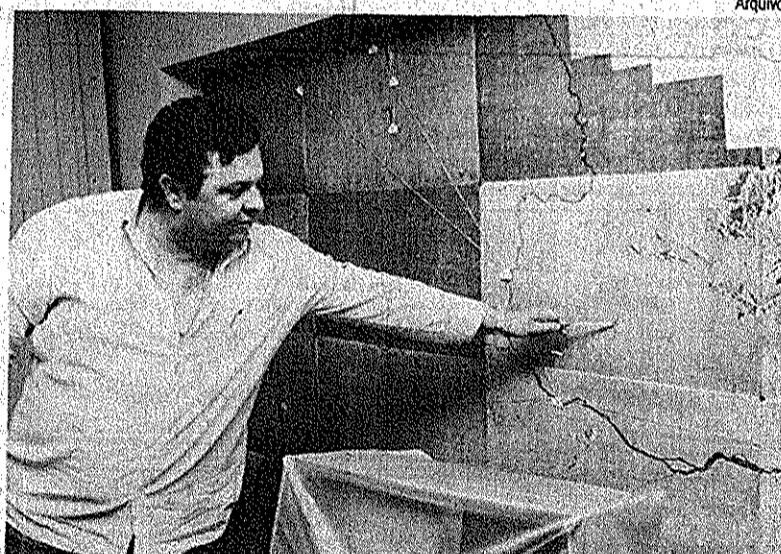
BOA VISTA, (por João Pinduca Rodrigues) — O proprietário da empresa Goldmazon, Elton Rohnelt, revelou à A CRÍTICA ontem que governo guianense pediu quase 10 mil garimpeiros, para iniciar em trabalhos de extração mineral naquele país fronteiriço que é, segundo Rohnelt, tão rico quanto o Brasil em ouro, cassiterita e outros minérios nobres.

Elton Rohnelt, adiantou que já estão começando a emigrar para as Guianas, por solicitação do próprio governo guianense, cerca de 10 mil garimpeiros, de maneira legal, cujos pedidos de formalização estão sendo agilizados. A grande maioria, desses garimpeiros, cerca de 60/70% vivem e trabalham aqui em Boa Vista, disse o empresário ao acrescentar que somente aqueles garimpeiros que possuem mais recursos é que deverão se deslocar para o vizinho país, classificando de "estranha" a atitude do governo brasileiro em não permitir o trabalho de exploração mineral no Brasil, afirmando que "nós, brasileiros, não somos bem tratados em nossa própria terra; mas, num outro país, como a Guiana, eles sabem dar valor à nossa gente", frisou o empresário.

Sobre os novos rumos que a "Operação Cainamé" está tomando após o anúncio do subprocurador-geral da República, Carlos Victor Muzzi, que disse na última quarta-feira que iria pedir a prisão em flagrante do ministro da Aeronáutica, Octávio Moreira Lima, do presidente da Funai, Irís Pedro de Oliveira, bem como do diretor geral do Departamento de Polícia Federal, Romeu Tuma caso os garimpeiros ainda na terra Yanomami fossem transferidos para as florestas nacionais deste Estado, e as 62 pistas usadas por eles como base para suas operações, não fossem desativadas, o empresário que opera na área extraindo ouro e cassiterita, limitou-se a dizer que "toda essa história é uma grande confusão jurídica e eu não poderia me prender a ela. Agora, o acordo que firmamos com as autoridades, de deixarmos à área que vinhamos ocupando será fielmente cumprido, pois não somos homens de brincadeiras. Temos certeza que o governo federal não enviaria à Boa Vista pessoas que não tivessem autoridade para formalizar um acordo como o que assinamos".

Reação armada — Fez questão de salientar que, caso haja o rompimento do acordo firmado na última terça-feira no Palácio 31 de Março, sede do governo estadual, a guerra entre agentes federais e garimpeiros, poderá realmente acontecer daqui para frente. "Se o documento firmado com as lideranças garimpeiras, este já em andamento com a retirada de máquinas e homens de pistas do Paapiú e Baiano Formiga, se tudo isso não for respeitado, tenho a impressão que essa grande gama de brasileiros que está derramando seu suor, trabalhando arduamente, não vai suportar a pressão e deve reagir de forma violenta e prevejo uma reação armada, o que não desejamos", observou o dirigente da Goldmazon.

Assegurou, também que não deverá haver um retorno dos garimpeiros às pistas liberadas, disse que a "Operação Saúde", primeira etapa da "Operação Cainamé", abortou por absoluta falta de apoio logístico da Fundação Nacional do Índio (Funai), bem como "pela incompetência de outros setores governamentais que tiveram sobre si a responsabilidade dessa operação". Segundo Elton Rohnelt, "ela fracassou, adorme-



Elton Rohnelt

ceu e morreu". Agora, a operação, de acordo com o empresário, tem uma nova denominação além das outras já conhecidas (Cainamé, Selva Livre, Garimpeiros), isto é, a **Amazônia é Nossa**, destacou.

Sobre os índios Yanomami, Elton Rohnelt disse que "eles lutam muito pela sua sobrevivência como qualquer animal silvestre; são extremamente primitivos, sua estrutura orgânica é muito debilitada e sempre foram desassistidos pela Funai", explicou ao fazer uma síntese da situação indígena na qual não discute os choques culturais causados com a entrada dos brancos na área. "Naturalmente que os índios sofreram com a nossa chegada; houve um choque de culturas enorme e também alguns problemas e tipos de doenças mas, se a Funai tivesse entrado na área conosco, se tivesse servido como um amortecedor nesse choque cultural e endêmico tenho absoluta certeza que teríamos evitado praticamente 90% do que a mídia nacional relata.

Agora, se este órgão omissivo, ao invés de ficar berrando em Brasília, gritando aos quatro ventos que havia uma área sendo invadida, estivesse aqui, dando apoio logístico, médicos, medicamentos e enfermeiros, nada disso teria ocorrido", garante Rohnelt.

Muro de Berlim — Citando o governador Romero Jucá que dissera da idéia do governo federal de erguer em plena selva amazônica um "Muro de Berlim", Rohnelt revelou: "Isso é impedir o progresso e o desenvolvimento regional. Não se pode impedir definitivamente que o homem, este possuidor de fatores básicos de sua própria sobrevivência, no caso do trabalho e alimentação (medida tomada pelos agentes federais para impedir o transporte de suprimentos aos garimpeiros), quer dizer, construir um "Muro de Berlim", causa enormes prejuízos aos homens que estão nas áreas trabalhando".

Garantindo que a região é extremamente rica em minerais inclusive estratégicos como o Tório cuja ocorrência é de boa perspectiva, considerou Rohnelt, "ser muito difícil parar o avanço em cima das fronteiras minerais brasileiras, principalmente nessa região, uma das mais ricas do país". Alerta que o governo federal deveria se preocupar com, talvez, "a última fronteira mineral brasileira e não apenas ficar nos gabinetes refrigerados de Brasília. É importante a pre-

sença dele, diria até necessária", observa o empresário que aponta o reordenamento e a organização das áreas auríferas, sem alienações, com as comunidades indígenas, sem choques culturais, poluição. "Tudo isso pode ser contornado bastando para isso apenas que o governo federal venha para o campo somar conosco".

"Sting não será bem recebido" — Com relação ao anúncio da vinda à esta cidade do cantor internacional, roqueiro e defensor da causa indígena, o inglês Sting liderando um grupo de artistas e cantores brasileiros, entre os quais a também roqueira Rita Lee, além da atriz global Lucélia Santos, Rohnelt revelou que está apenas esperando que eles desembarquem com todos os seus instrumentos musicais para nos proporcionarem um grande show, um showmício, afinal de contas quem não gosta de ouvir Sting e Rita Lee?, perguntou o empresário e acrescentou: "Agora, se vierem para cá, defender uma grande mentira, com interesses outros e disso eu tenho certeza absoluta, esses artistas, esses inocentes úteis vão criar problemas e, seguramente, não serão bem recebidos pela população", desafia.

Divergências — Sobre as divergências com José Altino hoje sem nenhum cargo ou função na União dos Sindicatos e Associações dos Garimpeiros da Amazônia Legal (Usagal), explicou: "Nós somos realmente antagônicos, temos pensamentos diferentes, mas não somos inimigos e nos unimos em torno desse problema. Isso foi muito bom porque existe outras pessoas com vivência e experiência, como eu, de toda essa região e Amazônia, embora continuemos cada um sua luta em separado; eu aqui e ele acolá", assegurou.

Revelou que os advogados que cuidam dos interesses da mineração e dos garimpeiros já estavam com diversos mandados de segurança e liminares prontos para serem acionados caso não houvesse o acordo, explicou que devido a ação da Polícia Federal iniciada nesta cidade, com a saída dos garimpeiros; se esse acordo não saísse tudo seria derrubado, "já que a ordem do Juiz Federal, de Brasília, teria primeiro que passar através de Precatória pela Justiça de Boa Vista.